

EVOLUÇÕES EM 3 LIÇÕES

Hugo FORTES, (USP)¹

Resumo: Filmado na Inglaterra e na Argentina o vídeo "Evoluções em 3 Lições" mostra imagens de animais humanos e não-humanos interligados através de suas histórias. O trabalho apresenta três diferentes questões: as relações entre os homens brancos europeus e os animais; os índios nativos da Terra do Fogo na Argentina e sua colonização, e os animais que vivem atualmente nesta localização, ameaçados de extinção. Os três capítulos do vídeo se entrelaçam através de uma narrativa que se repete, destacando as dificuldades de relacionamento entre o homem e aqueles que ele considera diferentes, quer sejam seus próprios irmãos humanos ou animais.

Palavras-chave: Vídeo; Decolonialismo; Animal.

Abstract: Filmed in England and Argentina the video "Evolutions in 3 Lessons" shows images of human and nonhuman animals intertwined through their stories. The paper presents three different questions: the relationships between white European men and animals; the native Indians of Tierra del Fuego in Argentina and its colonization, and the animals that currently live in this location, threatened with extinction. The three chapters of the video intertwine through a repeating narrative, highlighting the relationship difficulties between man and those he considers different, whether their own human brothers or animals.

Keywords: Video; Decolonialism; Animal.

LIÇÃO NÚMERO 3

Ir até o fim do mundo para encontrar o olhar do outro para enxergar a si mesmo. O outro que não é gente, mas bicho, e bicho estranho. Lobo-marinho. Uma espécie de primo do leão-marinho. E pássaros, cormorões. Animais que eu nunca havia visto ao vivo, só em programas de televisão. Ali estavam eles, vivendo suas vidas indiferentes a nós, turistas, que só tínhamos alguns minutos para estar ali. Não eram animais aprisionados em zoológicos; desta vez, éramos nós que estávamos presos no barco que nos levava a seu habitat. O encontro se deu em Ushuaia, a cidade mais austral da Patagônia Argentina, também conhecida como o Fim do Mundo. Um lugar mítico, ao final do mapa e com a natureza mais impactante e bela que já presenciei.

Havia sido convidado para apresentar um trabalho na III Bienal del Fin del Mundo, ali realizada. Porém as belezas naturais, como o final da Cordilheira dos Andes, que se vê ao redor da cidade, o mar e a paisagem de cores incríveis, a vegetação

¹ Hugo Fortes é Artista Visual, Curador e Professor Associado da Universidade de São Paulo. Como artista, já apresentou seu trabalho em mais de 15 países. Livre-docente (2016) e Doutor em Artes (2006) pela ECA-USP. Realizou doutorado-sanduíche em Berlim como bolsista DAAD. hugofortes@usp.br

diferente e bela e a possibilidade de ver animais tão especiais em seu ambiente natural, se revelaram muito mais emocionantes do que qualquer exposição artística. Ver as famílias de lobos-marinhos banhando-se ao sol sob ilhas de pedras, mergulhando na água de azul profundo, movimentando-se com seus corpos peculiares e vivendo sua vida em seu próprio tempo e espaço, foi uma sensação que jamais esquecerei. Tive vontade de retê-los em imagem, captá-los em fotografias e vídeos, que embora não pudessem substituir a sensação de estar ali, poderiam ao menos auxiliar no desencadeamento dos processos da memória quando nossos corpos não pudessem mais habitar aquele tempo-espaço.

Ainda que não soubesse o que faria com essas imagens, quando elas deixariam de ser simples registros para se tornarem poética, pus-me a filmar esses seres outros, que agora estavam ali tão próximos. Percebi, que embora estivessem absortos com suas próprias vidas, vez por outra, algum me olhava. Pouco eu sabia sobre esses animais. Apenas aquilo que todos sabem, que estavam ameaçados pelas mudanças climáticas e pela poluição marinha. Soube depois, também, que esta espécie um dia já servira de alimento para os índios que habitavam a Terra do Fogo.

LIÇÃO NÚMERO 2

Os índios que habitavam a Terra do Fogo. Foram avistados pela primeira vez em 1624, pelo navegante holandês Geen Huygen Schapenham, mas apenas posteriormente foram melhor conhecidos, tendo sido descritos no século XIX, pelas expedições comandadas pelo inglês Fitz Roy. Eram índios nômades, que viviam em canoas na região costeira de Ushuaia e pouco desciam à terra. Não tinham um alojamento fixo, viviam no mar, a caçar lobos-marinhos e pássaros para sua nutrição. Apesar do intenso frio da região, viviam nus, envolvidos pela gordura extraída dos lobos-marinhos e das baleias. Às vezes cobriam-se de peles. Para se aquecer à noite, costumavam também acender fogueiras no interior de suas próprias canoas. Este era o fogo avistado pelos europeus, que deu origem ao nome da *Tierra del Fuego*.

De maneira geral, eram chamados de índios fueguinos, por viverem na *Tierra del Fuego*. Embora houvessem diversas etnias fueguinas, uma das mais importantes era a chamada Yagan. Os yaganes habitavam a costa marítima, ao redor de Ushuaia. Sua população hoje está totalmente extinta. Muitos deles adoeciam em contato com os brancos e também devido à falta de higiene. Por não estarem habituados a se lavar, já

que viviam nus, passaram a adquirir várias doenças a partir do momento em que se viram obrigados a usar roupas ocidentais. Muitos caíam no vício da bebida, com a qual não estavam acostumados. Os processos de evangelização, a que foram submetidos pelos colonizadores europeus, contribuíram para a dissolução de seus hábitos e organização social.

Alguns deles tornaram-se muito conhecidos, por terem sido levados à Europa, para receber educação ocidental e depois devolvidos a sua terra de origem com o intuito de auxiliarem no processo de colonização. Nesta época era bastante comum a captura de humanos nos continentes distantes para serem exibidos na Europa. Há diversos casos notórios, desde índios ou africanos que passaram a viver nas cortes, até aqueles que eram exibidos em verdadeiros zoológicos humanos para diversão da população. O destino dos índios fueguinos, entretanto, mostrou-se diferente, já que o comandante Fitz Roy tomou o cuidado de evitar que se tornassem simples exotismos, uma vez que pretendia devolvê-los a sua terra de origem após eles terem aprendido os rudimentos da cultura européia. Porém, essa experiência educacional sociológica, que deveria auxiliar a impor a dominação do homem branco sobre os índios, mostrou-se um grande fracasso.

O fato ocorreu no século XIX e teve a participação célebre do comandante inglês Fitz Roy e do naturalista Charles Darwin. Em 1830, chegou à região de Ushuaia o famoso navio *Beagle*, comandado por Parker King, tendo como seu segundo comandante Fitz Roy. Após ter tido um de seus botes baleeiros roubado pelos índios fueguinos, a tripulação do *Beagle* capturou 4 índios, que Fitz Roy decidiu levar à Inglaterra, para terem lições de inglês, conhecerem "as verdades simples do cristianismo" e aprenderem "o uso de ferramentas comuns, um pouco de agricultura e jardinagem" (FITZ ROY apud TAYLOR, JAMES, 2009, p.49). Os nativos foram batizados com nomes em inglês, que faziam referência às condições em que foram capturados. *York Minster* foi o primeiro a ser capturado, e recebeu esse nome em homenagem a uma famosa catedral inglesa de mesmo nome, cujo formato lembrava o de uma rocha onde ele havia sido capturado. *Boat Memory* foi assim batizado pois era o índio que mais se recordava dos fatos acontecidos no roubo do bote baleeiro. *Jemmy Button* deve seu nome ao botão de madrepérola que havia sido ofertado para ele para atraí-lo até o *Beagle*. Entre os capturados, só havia uma integrante do sexo feminino, a menina *Fuegia Basket*, cujo nome fazia referência ao cesto improvisado que os

marinheiros ingleses tiveram que utilizar como barco para retornar ao *Beagle* após a captura de seu bote. (TAYLOR, 2009, p.48-49).

Logo ao chegar a Inglaterra, o índio *Boat Memory* faleceu em reação a uma vacina que recebeu. Os outros permaneceram ali por cerca de um ano e meio, recebendo educação em um mosteiro, tendo sido até mesmo apresentados ao rei. Ao final de 1831, Fitz Roy partiu novamente para a América, com o objetivo de dar prosseguimento às viagens exploratórias dos novos continentes e devolver os fueguinos à Terra do Fogo. É nesta viagem de retorno, que Charles Darwin vai se juntar a eles e travar seus primeiros contatos com estes índios. Darwin faz várias menções aos índios em seu diário, comparando-os a animais selvagens, embora nem todos os seus comentários sobre eles sejam negativos. Em 1832, o *Beagle* chega finalmente à Terra do Fogo e Darwin narra seu primeiro encontro com os nativos em seu ambiente original: "Eu não teria acreditado que existe entre o civilizado e o selvagem tamanha diferença. É maior que entre o animal selvagem e o doméstico, na medida em que há no homem mais poder de aperfeiçoamento."(DARWIN apud TAYLOR, p. 104)

Ao ver os fueguinos voltando para sua terra após terem recebido algumas lições da educação inglesa, Darwin anotou em seu diário: "Eles têm bastante senso comum para perceber a imensa superioridade dos hábitos civilizados com relação aos seus, mas temo que logo regridam a estes."(DARWIN apud TAYLOR, p. 62) De fato, assim que retornaram, em pouco tempo os índios fueguinos voltaram a viver como seus outros companheiros nativos. *York Minster* e *Fuegia Basket* logo se embrenharam na mata e fugiram. *Jemmy Button* permaneceu por um tempo vivendo junto com os missionários brancos do pequeno povoado, porém alguns anos depois foi descrito pelo capitão Fitz Roy, que voltou ao local, como tendo retornado a seus hábitos indígenas. Estava nu, com o cabelo desganhado e miseravelmente magro. Conta-se que por volta de 1860, *Jemmy Button* teria sido um dos líderes da revolta que massacrou uma série de colonizadores na região da Terra do Fogo.

O fracasso da experiência educacional com os índios fueguinos contribuiu para que os preconceitos raciais entre europeus e não-europeus fossem acirrados. Se por um lado a suposta superioridade da cultura européia não foi capaz de "educar" corretamente os "selvagens", por outro lado este fato poderia ser visto como uma prova cabal da inferioridade destes, que se aproximariam de animais.

As declarações de Darwin geraram polêmicas, até hoje não totalmente resolvidas. Alguns comentadores as consideram racistas, ainda que bastante comuns na mentalidade da época. Para estes, Darwin teria desejado aplicar suas teorias evolucionistas à espécie humana, considerando que algumas etnias eram superiores a outras. Outros, relativizam essas constatações, ao afirmar que Darwin era na verdade um abolicionista e suas descrições dos índios fueguinos eram apenas constatações de estranhamento dos hábitos muito diferentes daqueles que ele teria aprendido em sua formação cultural inglesa.

Se por um lado as considerações de Darwin sobre os "selvagens" possam ser depreciativas ao aproximá-los dos animais, por outro lado, a teoria evolucionista de Darwin coloca a todos nós diante de um novo paradigma a respeito da animalidade: o de que possuímos um ancestral animal comum, já que de alguma forma todos seríamos descendentes dos símios. Ao afirmar isso, de certa forma, Darwin rompe com a ideia de que seríamos cópias diretas dos deuses, e por isso superiores aos animais. Ao contrário, seríamos nós humanos também animais, porém em uma escala um pouco mais evoluída que os demais. Não se trata aqui de fazer um julgamento de Darwin, mas sim apontar para as polêmicas consequências que seu pensamento representa. Mesmo que seu personagem apresente incongruências, não se pode negar sua contribuição inestimável para a ciência, bem como a revolução epistemológica gerada a partir de suas teorias, que abalaram as relações entre os homens, suas crenças e os animais.

LIÇÃO 3

Os homens, suas crenças e os animais. Ainda que constantemente subjugados pelo homem, os animais muitas vezes representaram forças míticas e extraordinárias, sendo símbolos de poderes superiores, inalcançáveis pela espécie humana. Todas as sociedades apresentam animais em suas mitologias e superstições. Mesmo na atualidade, em um mundo dominado pela ciência e pela suposta racionalidade, muitas destas crenças permanecem.

Um exemplo interessante é a significação dos corvos que vivem na *Tower of London*.² A Torre de Londres é uma fortaleza que teve sua construção iniciada no século XI, com intuito de amedrontar aqueles que não seguissem as leis britânicas e

² Fonte: <http://www.hrp.org.uk/tower-of-london/>. Consultado em 04/02/2016.

intimidar os estrangeiros, demonstrando o poderio do reinado britânico. O passado de prisões e torturas que a *Tower of London* representou, hoje foi substituído por sua exploração turística. O local é um dos mais visitados por turistas de todo o mundo, e abriga também uma parte da coleção de jóias reais.

Conta a lenda, que os corvos que residem na Torre nunca deveriam deixá-la, pois se um dia eles fugissem, a torre cairia e o reinado também. Por este motivo, hoje em dia são mantidos sempre pelo menos 6 corvos no local, que tem suas asas cortadas para não fugirem. Durante o dia, os corvos são soltos no jardim e podem ser vistos pelos turistas que visitam a Torre e à noite são recolhidos em suas gaiolas. Cada corvo tem um nome e há um funcionário do governo britânico encarregado de cuidar deles, que recebe o nome de *Ravenmaster*, o mestre dos corvos.

Embora esta lenda seja muito antiga, foi no século XVII que a presença dos corvos foi oficializada pelo reinado britânico. Na época, o astrônomo John Flamsteed (1646-1719) utilizava a torre para a realização de suas observações científicas e reclamou ao rei Charles II que os corvos estavam atrapalhando suas pesquisas. Temendo os presságios que ameaçavam seu reino, caso os corvos fossem removidos, o rei decidiu que os corvos deveriam ser sempre mantidos ali, e quem teria que se mudar seria o Observatório Real, dirigido por Flamsteed.

É interessante que, neste caso, as superstições venceram a ciência, que era menos amedrontadora para o reino do que o poder sobrenatural dos corvos. Também é curioso perceber, que mesmo muito séculos depois, com todo o desenvolvimento científico e a diminuição das crendices, a lenda esteja sendo perpetuada até os dias de hoje, e que a presença dos corvos não é totalmente espontânea, já que eles são ali mantidos graças ao corte de suas asas. Os corvos tornaram-se hoje atrações turísticas, aparecem com destaque no site da *Tower of London* e são representados em *souvenirs* à venda para os turistas. Tal fato, faz-nos lembrar imediatamente dos escritos de John Berger a respeito do processo de coisificação a que estão submetidos os animais na sociedade contemporânea, tendo o seu passado mítico substituído por símbolos comercializáveis e turísticos.

QUANDO O TURISTA TAMBÉM É ARTISTA. E VICE-VERSA.

É bastante frequente, nos dias de hoje, que os artistas produzam trabalhos a partir de suas viagens. Deslocar-se de um país a outro é bem mais fácil do que há anos

atrás e diversas são as possibilidades que surgem para os artistas contemporâneos para participar de residências artísticas, realizar exposições no exterior e apresentar seus trabalhos em congressos. Estar em um local desconhecido aguça a percepção para aquele que busca observar aquilo que muitas vezes passa despercebido no cotidiano. Conhecer um novo ambiente, visualizar novas paisagens e aprender novos hábitos, é sem dúvida muito estimulante para a criatividade artística.

Foi dentro deste contexto que tomei contato com as histórias que narrei anteriormente. Embora não houvesse necessariamente uma conexão direta entre as histórias dos corvos da Torre de Londres e os lobos-marinhos e os índios fueguinos, o fato de eu ter realizado viagens a esses lugares no mesmo ano e ter ficado impressionado com suas histórias, fez-me imaginar um fio condutor que pudesse entrelaçá-las e assim gerar novas percepções sobre as relações entre o homem branco, os índios e os animais. Afinal, em cada uma dessas histórias havia elementos do estranhamento com o outro e do subjugo de uns pelos outros. Os corvos, apesar de seu poder mítico, foram capturados e permanecem sob custódia do homem branco para perpetuar suas tradições e funcionar ao mesmo tempo como atração turística. Os índios fueguinos também foram capturados pelo homem branco e levados para Londres, quem sabe até conheceram os corvos da Torre de Londres. Os índios foram também descritos como selvagens, quase animais. E os lobos-marinhos já foram caçados pelos índios para sua subsistência, e também pelos brancos, e agora são vistos como atrações turísticas. Mesmo que os índios fueguinos já tenham sido exterminados, os lobos-marinhos ainda permanecem na Terra do Fogo, embora não se saiba por quanto tempo. Todas estas histórias, de alguma forma, inter-relacionam-se através das dificuldades de convívio com o outro, quer seja ele homem ou animal.

A figura de Darwin pareceu-me um personagem fundamental para entrelaçar essas histórias. Sua viagem a bordo do Beagle serve como ligação entre a realidade britânica e a paisagem da Terra do Fogo. Sua significação enquanto representante da racionalidade científica ocidental interessou-me bastante, principalmente por causa de suas próprias contradições e seu estranhamento diante dos outros homens nativos que ele desconhecia. Da mesma forma, pareceu-me estranho o fato de que, mesmo nos dias de hoje, em que estamos dominados pelo racionalismo técnico-científico e pelo poderio econômico, ainda se cortam as asas de pássaros para se garantir a perpetuação de

crendices. E também é curioso, que os lobos-marinhos que eram caçados pelos índios fueguinos, que por sua vez foram exterminados pelo homem branco, subsistiram a seus próprios predadores índios, que desapareceram antes de suas presas.

Todos esses fatos e reflexões levaram-me a produzir o vídeo "Evoluções em 3 Lições", em 2012. O trabalho não se trata de um documentário e nem busca contar de maneira clara todas estas questões. Ao invés disso, o que se pretende é sensibilizar o espectador para as intrincadas relações entre os homens, os outros homens e os animais. O espectador pode ou não ter conhecimento prévio destas histórias, mas de qualquer forma poderá refletir sobre essas questões. Embora haja um caráter narrativo no vídeo, determinado por sua divisão em três capítulos que compõem as "lições" da evolução, sua narrativa não é nem cronológica e nem lógica, mas sim poética. Foram utilizadas algumas estratégias criativas de forma a enredar o espectador em uma narração fragmentada, que porém se repete de forma semelhante em cada uma das três lições.

A Lição 1 inicia-se com o surgimento de um mapa antigo da Grã-Bretanha, oferecendo pistas de onde ocorre a ação. A seguir, veem-se imagens de alguns dos corvos no jardim da Torre de Londres, embora o local não seja identificado na imagem. Os corvos são o assunto principal da imagem: eles andam, pulam e ciscam na grama. Na parte inferior da imagem, porém, podem-se perceber sutilmente algumas sombras de humanos que se movimentam. Na verdade tratam-se das sombras dos turistas da Torre de Londres, que observam os corvos. Os humanos, entretanto, aparecem somente como sombras até este momento.

A música de fundo dessas imagens é a *Wassermusik*, de Haendel, composta no século XVIII e que teve sua apresentação de estreia em Londres, em 1717 para a corte do rei George. A música é bastante imponente e contrasta com a cena prosaica dos engraçados corvos reais. É uma música contemporânea da época em que a proteção aos corvos da Torre de Londres foi oficializada. Conforme se desenvolve o vídeo, aos poucos surgem algumas frases que introduzem sua narrativa. As frases aparecem em diferentes posições do campo visual da imagem, ora se aproximando dos corvos, ora se aproximando das sombras dos humanos, criando assim uma relação intersemiótica entre as linguagens visual e verbal, e gerando diversas possibilidades de interpretação. A narrativa ocorre toda no passado, remetendo à linguagem das fábulas. Há termos que são propositalmente dúbios no texto, que se tornam mais explicitados de acordo com

sua posição na imagem. Por exemplo, o pronome "eles", às vezes se refere aos corvos e às vezes se refere aos humanos, que aparecem como sombras. De acordo com a localização da frase no campo visual, pode-se ter uma interpretação diferente do sujeito da ação.

O texto básico que aparece na "Lição 1", é repetido com algumas variações nas lições seguintes. Porém sua significação é alterada de acordo com a imagem a que se refere. Assim, há a sensação de que a história se repete, embora as situações e os personagens sejam diferentes em cada uma das "lições". Ao longo do desenvolvimento do vídeo, o texto vai se tornando cada vez mais fragmentado e vago, de forma que na última lição sobram apenas algumas palavras do texto original, que não mais formam frases completas, apenas insinuam significados em suas relações com as imagens.

O texto completo da primeira "lição" é o seguinte:

"eles viviam em uma ilha
eles acreditavam
se eles fugissem da ilha
seu mundo iria desaparecer
então eles foram capturados
e tiveram suas asas cortadas
eles eram brancos
e pretos
eles acreditavam em evolução
eles não eram selvagens."(texto do autor)

Esta certa indefinição do sujeito a que se refere o pronome "eles", que muda de acordo com a posição que ocupa na imagem, causa uma certa confusão no espectador, que pode pensar que a história se refere tanto aos homens como aos corvos. Esta indefinição é acentuada ao longo do desenvolvimento das outras "lições" dos vídeos, que vão deixando cada vez mais intrincadas as relações entre homens e animais. Há algumas ironias e provocações na relação entre texto e imagem. Uma delas é a frase "eles eram brancos e pretos", que pode remeter a questões racistas, mas que porém neste capítulo do vídeo é apenas uma descrição dos homens e dos corvos. A mesma frase será repetida no segundo capítulo do vídeo, porém referindo-se a imagem em preto e branco de um índio fueguino pintado com listas brancas.

Há também uma certa ironia nas frases "eles acreditavam em evolução" e "eles não eram selvagens". Na primeira lição estas frases aparecem na transição das imagens dos corvos para as imagens barulhentas da multidão de turistas que invade acelerada a Torre de Londres. Também junto com estas imagens, aparece sobreposta a imagem de Darwin, que parece pedir silêncio diante da turba agitada de turistas. A frase "eles não eram selvagens" parece incongruente diante da postura pouco civilizada dos turistas contemporâneos. Na segunda "lição" do vídeo, a frase "eles não eram selvagens" aparece justamente sobre a imagem dos índios fueguinos, sugerindo que os próprios índios não se viam como selvagens, e sim como humanos.

A segunda "lição" do vídeo é composta por imagens de fotografias em preto e branco dos índios fueguinos sobrepostas a imagens de água, captadas na baía de Ushuaia. Não há música, apenas o som ambiente das águas movimentadas e do vento. A sensação é de fluidez, distanciamento, memória e desaparecimento. As imagens dos índios aparecem sempre em transparência, como se eles estivessem desaparecendo como fantasmas no fluxo das águas. As mesmas frases da "Lição 1" voltam a aparecer aqui com algumas modificações e supressões, gerando novas interpretações. Dessa vez, os capturados foram os índios ao invés dos pássaros. Porém eles não tinham asas. E seu mundo iria desaparecer.

Entre as imagens que se sobrepõem à água, uma delas se destaca por apresentar retratos de dois personagens importantes da história: Darwin e o índio fueguino York Minster. Na montagem realizada, ambos parecem se olhar, frente a frente. O retrato de Darwin é fotográfico, enquanto que o do índio é uma ilustração. Não existe nenhum registro fotográfico dos índios capturados pela tripulação do Beagle, apenas gravuras. É interessante notar, que embora se possa notar pelas feições de York Minster que ele é um índio fueguino, em seu retrato ele está usando roupas ocidentais.

O final da "Lição 2" é um pouco brusco. As imagens são tragadas pela luminosidade de um *fade out* com fundo branco. O som final assemelha-se a um trovão ou explosão, remetendo ao desaparecimento. O barulho dá lugar ao silêncio, no qual é introduzida a "Lição 3", de caráter mais melancólico.

Na "Lição 3" veem-se imagens dos lobos-marinhos e dos pássaros que vivem nas ilhas da Baía de Ushuaia, intercaladas por palavras isoladas que aparecem sob fundo branco. Diferentemente das outras lições, em que o texto se sobrepõe às imagens, aqui

ele aparece no intervalo entre elas, marcando um ritmo mais cadenciado no qual as imagens aparecem e desaparecem constantemente. As imagens estão todas em câmera lenta, conferindo uma atmosfera coreográfica e arrastada aos movimentos dos animais. Não se vê mais a presença de humanos, apenas dos animais. Pode-se perceber elementos de dominação entre eles, como a presença de um macho alfa que espanta outros lobos-marinhos menores. Também se veem algumas marcas de sangue nos rochedos, que não se sabe se são oriundas de brigas entre os próprios animais, da captura de outros animais menores ou da ação de predação do homem.

A música de fundo é fundamental para a composição poética destas imagens. Trata-se da música "*El Cant dels Ocells*" (O Canto dos Pássaros, em catalão) em arranjo para violoncelo de Pau Casals e interpretada pelo violoncelista Benedict Kloeckner. A música tem origem em uma canção de natal do folclore catalão.³ Na Espanha, a versão de Pau Casals é geralmente utilizada como réquiem, no velório de defuntos importantes. É uma música bastante potente, reflexiva e solene. Os sons graves do violoncelo e a lentidão de seu andamento podem ser associados no vídeo aos sons emitidos pelos lobos-marinhos e a sua movimentação lenta e pesada. A edição do vídeo considera a cadência pausada da música para introduzir lentamente as palavras que pontuam as imagens. Não é mais possível se constituir uma leitura linear da narrativa. O que se pretende aqui é causar uma imersão poética em uma conjunção sonoro-visual-verbal que faz a sensibilidade aflorar. A música termina como algo em suspensão e o vídeo prossegue em silêncio por mais alguns segundos, no momento em que um dos animais nos olha diretamente nos olhos.

O vídeo não oferece respostas, apenas levanta questões e dificuldades sobre as relações entre os homens, seus semelhantes e os animais. Compreender o outro não é tarefa fácil, quer seja ele outro animal humano ou não-humano.

VISÕES DA ANTROPOLOGIA

Buscar compreender o outro tem sido ao longo do tempo a tarefa da antropologia, no caso dos humanos, e da biologia no caso dos animais e vegetais, embora muitas vezes estas áreas se misturem e se complementem. As observações sobre o desconhecido, quer seja ele humano ou não-humano, foram feitas pelos mesmos

³ Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/Cant_dels_ocells (consultada em 06/02/2016)

cientistas no princípio do desenvolvimento da ciência moderna. Alexander von Humboldt, por exemplo, descreveu ao mesmo tempo a paisagem, a geografia, os animais e vegetais, bem como os povos indígenas e seus costumes. No Brasil, destacam-se as expedições dos botânicos Von Martius e Spix, entre outros, que além de documentar a flora e a fauna locais, também reuniram artefatos culturais dos indígenas. Darwin, de certa forma, embora se concentrasse no estudo biológico, também fez reflexões sobre os povos fueguinos e os aborígenes australianos.

A antropologia, como ciência, começa a ganhar terreno após essas expedições exploratórias, e é, desde seu início, o estudo dos povos estranhos aos europeus. Nasce portanto dentro de um ponto de vista eurocêntrico, que apenas recentemente tem sido contestado. Estudar o outro, quer seja ele animal ou humano, é na verdade uma questão de se construir uma identidade de si próprio. O homem, para se definir, busca uma diferenciação dos animais, já que ao longo da história da filosofia, o homem é um animal com algo a mais. Ao se confrontar com outros homens que diferem dele, os “selvagens”, é necessário buscar outras formas de diferenciação que atualizem suas noções de identidade.

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro apresenta brilhantemente esta problemática:

“O fardo do homem: ser o animal universal, o animal para quem existe um universo. Os não-humanos, como sabemos - mas como diabo o sabemos? - são “pobres em mundo”; sequer a cotovia... Quanto aos humanos não-ocidentais, é-se discretamente levado a suspeitar que, em matéria de mundo, eles são na melhor das hipóteses, apenas modestamente aquinhoados. Nós, só nós, os europeus, somos os humanos completos e acabados, ou melhor, grandiosamente inacabados, os exploradores destemidos de mundos desconhecidos (*plus ultra!*), os acumuladores de mundos, os milionários em mundo, os “configuradores de mundos”. Como se vê, a metafísica ocidental é *fons et origo* de toda espécie de colonialismo - interno (interespecífico), externo (entre-específico), e se pudessem eterno (intemporal). Mas o vento vira, as coisas

mudam, e a alteridade sempre termina por corroer e fazer desmoronar as mais sólidas muralhas da identidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 27)

Nesta passagem, Viveiros de Castro refere-se aos comentários que Giorgio Agamben faz sobre o pensamento de Heidegger, retomando-o de forma bastante crítica. Como já vimos anteriormente nesta tese, ao procurar estabelecer a diferenciação entre os homens e os animais, Heidegger elabora sua teoria dizendo que os animais seriam “pobres de mundo” (Weltarm) e os humanos seriam “configuradores de mundos”(Weltbildend). A estas distinções, Viveiros de Castro acrescenta ironicamente a contraposição de que os humanos não-ocidentais seriam “modestamente aquinhoados” de mundo, enquanto que os europeus se achariam “milionários de mundo”. Tal afirmação coloca em cheque a tradição histórica da antropologia, que Viveiros de Castro pretende pensar a partir de novos parâmetros. O autor se pergunta ainda de que maneira poderíamos ter certeza que os animais seriam pobres de mundo, afinal? A dificuldade de se colocar no lugar do outro, quer seja ele humano ou não-humano, deve ser questionada pela filosofia. Se nos casos dos animais ainda é mais difícil, ao menos no caso humano, a antropologia deve se esforçar para compreender o outro não apenas através da descrição de seus hábitos, mas a partir da tentativa de entender suas formas de pensamento.

Ao propor uma narrativa do desaparecimento e da dominação, que se repete ao longo do filme, quer se referindo ora aos ocidentais, ora aos indígenas, ora aos animais, pretendo adotar diferentes perspectivas para compreender esses seres e tornar enviesada a complexidade de suas relações. Embora possa se reconhecer no vídeo uma certa sequência de dominação, que parte do homem branco subjugando os animais e os índios, passa para os índios subjugando outros animais e termina na própria luta das sobrevivência entre os animais, o trabalho não pretende simplesmente elencar uma hierarquia de culpados, mas sim apontar para as questões insolúveis em que todos esses seres estão intrincados em suas relações. Se o fato de olhar o outro para enxergar a si mesmo faz parte de nosso processo inevitável de construção de identidade, por outro lado, este processo não pode se basear em uma simples descrição narcisística, mas sim aproveitar a possibilidade de contato com o outro para alargar sua consciência perceptiva e respeitar outros pontos de vista, outras perspectivas.

A tarefa de buscar projetar-se em outros estados perspectivos e perceptivos não é nada fácil. Nosso aprisionamento no *self* muitas vezes dificulta este processo. Para os índios, apenas os xamãs teriam a possibilidade de acessar outras perspectivas, projetar-se nas subjetividades do outro, humano ou não-humano. Os xamãs teriam a capacidade de acessar o suprassensível e transformar-se em outros seres, alcançando suas perspectivas. Em nosso mundo ocidental, o acesso ao suprassensível é geralmente atribuído aos ritos religiosos, ainda que a maioria das religiões se baseie em uma perspectiva única, que exclui aqueles que não lhe são fiéis. Podemos recordarmo-nos das “verdades do cristianismo” que deveriam ser ensinadas aos índios fueguinos.

O acesso ao supra-sensível, porém, não é exclusividade das religiões, mas uma possibilidade que também é por vezes atribuída a arte. O aspecto xamânico da arte e sua ligação com o mundo espiritual está no cerne de seu fundamento. É bastante frequente, que o artista busque através da imaginação, tornar visíveis mundos e pensamentos inexistentes, projetando-se em outras perspectivas, encarnando personagens ou solidarizando-se com outros seres, visualizando relações ainda não vistas. Olhar para o outro, para o desconhecido, para o estranho é o que fascina a criação artística. Deslocar seu corpo para outras paisagens, vivenciar outros afetos no confronto com a alteridade, viajar para descobrir outros mundos é tarefa do artista. Assumindo novas perspectivas e deixando-as visíveis para o observador, o artista é capaz de sensibilizar o olhar do outro. É do olhar do outro que depende sua sobrevivência como artista, e é esse olhar que deve ser respeitado, ainda que haja dificuldades para compreendê-lo. O artista é um ser em viagem. Sua alma, um turista de afecções e percepções. Podemos aprender bem mais que três lições com a evolução. Talvez não exista uma única evolução, mas sim, evoluções, em diferentes perspectivas e estados sensíveis. Para compreender o mundo mais a fundo, precisamos olhar entre os espaços da multiplicidade e determo-nos nos interstícios do tempo, viajarmos sob a consciência das interrelações entre os seres. Por vezes, é necessário ir até o fim do mundo para encontrar o olhar do outro.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **The Open. Man and Animal.** Stanford, California: Stanford University Press. 2004

CANCLINI, Arnaldo. **Indios Fagueiros. Vida, Costumbres e historia.** Buenos Aires: Editorial Dunken. 2009

FORTES, Hugo. **Sobrevoos entre homens, animais, espaços e tempos: pensamentos sobre arte e natureza.** 2016. Tese (Livre Docência em Expressão tridimensional) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2016. doi:10.11606/T.27.2017.tde-30012017-102822

MACIEL, Maria Esther. **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

TAYLOR, James. **A viagem do Beagle: A extraordinária Aventura de Darwin a bordo do famoso navio de pesquisa do Capitão Fitz Roy.** São Paulo: EDUSP, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural.** São Paulo, Cosac Naify, 2015.